

PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EMPREENDEDORISMO NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA DE 2004 A 2020

SCIENTIFIC PRODUCTION IN ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL: A LITERATURE REVIEW FROM 2004 TO 2020

PRODUCCIÓN CIENTÍFICA EN EMPREENDEDORISMO EN BRASIL: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA DE 2004 A 2020

Aleciane da Silva Moreira Ferreira, Dra.

Instituto Federal Baiano/Brazil

alecyane@yahoo.com.br

Elisabeth Loiola, Dra.

Universidade Federal da Bahia/Brazil

beteloiola10@gmail.com

Sônia Maria Guedes Gondim, Dra.

Universidade Federal da Bahia/Brazil

sggondim@gmail.com

RESUMO

Com o objetivo de avaliar o progresso da pesquisa em empreendedorismo no Brasil entre 2004 e 2020, realizou-se revisão bibliográfica sistemática, na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), com o termo empreendedorismo. Os temas de pesquisa sobre o empreendedorismo foram analisados em 179 artigos publicados em 44 periódicos e classificados nas abordagens oportunidade-indivíduo (72%) e atributos do empreendedor (28%), nos níveis de análise micro (27%), meso (30%) e macro (43%), e nos métodos qualitativos (44%), quantitativos (27%), qualiquantitativos (4%) e teóricos (25%). A literatura nacional tende a convergir com a internacional nos temas de pesquisa e no uso de abordagens oportunidade-indivíduos, mas a divergir no foco de análise: enquanto no Brasil as pesquisas enfocam o nível macro, internacionalmente esse foco é deslocado para o nível micro. Conclui-se que o campo vem crescendo, preponderando estudos empíricos do fenômeno no contexto das empresas, sendo a maioria deles desenvolvidos com base em métodos qualitativos.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Revisão de Literatura; Abordagens de Empreendedorismo; Níveis de Análise; Métodos de pesquisa.

ABSTRACT

In order to assess entrepreneurship research progress in Brazil between 2004 and 2020, it was carried out systematic literature review, in Scientific Electronic Library Online (SciELO) database, with the term entrepreneurship. Research themes on the subject of entrepreneurship were analyzed in 179 articles published in 44 journals, which were classified in the opportunity-individual approaches (72%) and attributes of the entrepreneur (28%), the micro levels of analysis (27%), meso (30%) and macro (43%) and in the qualitative methods (44%), quantitative (27%) joint (4%) and theoretical (25%). National literature tends to converge with international literature on research topics and on the nexus opportunity-individual approaches, but tends to diverge in the focus of analysis; while in Brazil the surveys focus on the macro level, internationally this focus is shifted to the micro level. It is concluded that the field has been growing, prevailing empirical studies of the phenomenon in the context of the companies, developed based on qualitative methods.

Keywords: Entrepreneurship; Literature review; Entrepreneurship approaches; Level of analyses; Research methods.

RESUMEN

Con el objetivo de evaluar el progreso de la investigación en emprendedorismo en Brasil entre 2004 e 2020, se realizó una revisión bibliográfica sistemática, en la base de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO), con el término emprendedorismo. Los temas de investigación sobre el emprendedorismo fueron analizados en



179 artículos publicados en 44 periódicos y clasificados en las secciones oportunidad-individuo (72%) y atributos del emprendedor (28%), en los niveles de análisis micro (27%), meso (30%) y macro (43%), y en los métodos cualitativos (44%), cuantitativos (27%), cuali-cuantitativos (4%) y teóricos (25%). La literatura nacional tiende a convergir con la internacional en los temas de pesquisa y en el uso de secciones oportunidad-individuos, más a divergir en el foco del análisis: mientras en Brasil las investigaciones enfocan el nivel macro, internacionalmente ese foco es desplazado hacia el nivel micro. Se concluye que el campo viene creciendo, preponderando estudios empíricos del fenómeno en el contexto de las empresas, siendo la mayoría de ellas desmenuadas en base a métodos cualitativos.

Palabras-clave: Emprendedorismo; Revisión de Literatura; Abordajes de Emprendedorismo; Niveles de Análisis; Métodos de investigación.

1 INTRODUÇÃO

Revisões bibliográficas e estudos de meta-análise, elaborados em diferentes períodos do tempo, permitem traçar a rápida evolução do campo de pesquisa em empreendedorismo. Caracterizado no final dos anos 1980 e meados da década de 2000 como divergente (LOW; MACMILLAN, 1988), juvenil (COOPER, 2003), emergente (BUSENITZ et al., 2003) e com baixo desenvolvimento paradigmático (IRELAND; REUTZEL; WEBB, 2005), o campo de estudos em empreendedorismo passou a ser reconhecido, após a primeira década do século XXI, como amadurecido (SHANE, 2012), de múltiplas abordagens concorrentes (WANG; JESSUP, 2014), multimétodos (MAINELA; PUHAKKA; SERVAIS, 2014), e com foco nos níveis micro, meso e macro do fenômeno (DAVIDSSON et al., 2001; VALE, 2014).

Ao avaliar o passado, o presente e o futuro da pesquisa internacional em empreendedorismo como ciência, Cooper (2003) identificou, em relação ao passado, falta de atenção às questões de validade e de confiabilidade dos métodos usados, além do campo ser relativamente pequeno, em termos de membros do corpo docente envolvidos em pesquisas. Quanto ao presente, observou um elevado interesse pelos cursos de empreendedorismo nas universidades, e previu continuidade de desenvolvimento da base intelectual do campo e contínua criação de materiais eficazes de ensino, impulsionados pela crença de que jovens bem treinados e motivados a fazer carreira empreendedora contribuem ao progresso econômico.

A previsão de Cooper (2003) parece que se tornou realidade mais de 10 anos após a publicação de seu artigo. Alguns números e indicadores sobre periódicos e sites especializados dão suporte a essa afirmação. O campo conta atualmente com 59 revistas especializadas no assunto (STEWART; COTTON, 2013), cujos fatores de impacto variam de 1,79 a 6,33 (ex. *Journal of Business Venturing*, *Entrepreneurship: Theory and Practice*), não sendo esses os únicos veículos de publicação sobre a matéria. Também há sites especializados, de consultores, de associações, de organismos multilaterais e de governos, que contribuem para difundir um olhar diferenciado sobre o empreendedorismo, promovendo às vezes o aparecimento ou o fortalecimento de mitos e de confusões teóricas, mas também aproximando as discussões de crenças e de percepções de praticantes (eg., www.endeavor.org.br; www.sebrae.com.br; <https://www.startupvitamins.com>; <http://www.ted.com>). Parece haver, no entanto, diferenças entre países e regiões desenvolvidos e em desenvolvimento seja em termos de robustez das pesquisas, seja quanto ao ensino em empreendedorismo, seja ainda quanto à existência de periódicos especializados, as quais parecem se sobrepor a diferenças entre os campos de pesquisa quanto às abordagens, aos métodos e aos níveis de investigação do fenômeno do empreendedorismo.

O foco deste artigo é a produção científica em empreendedorismo no Brasil, assim entendida como aquela produção veiculada em revistas do portal da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Busca

bibliográfica no SciELO, com a palavra-chave empreendedorismo, entre junho de 2019 e maio de 2020, indicou a existência de 458 trabalhos publicados em revistas do Brasil, do Chile, da Argentina, da Colômbia, de Portugal, da Espanha, da Costa Rica, do México, do Peru, do Paraguai e do Uruguai. Desse total, 308 foram publicados em revistas brasileiras. Foram selecionados para análise 179 artigos, após a exclusão de outras publicações não classificadas como artigos (Ex.: pensatas, resenhas, etc.).

A crescente importância e robustez da pesquisa em empreendedorismo em nível internacional, sobretudo nos Estados Unidos e na União Europeia (WANG; JESSUP, 2014), o número expressivo de trabalhos publicados no Brasil em revistas indexadas na base SciELO e a carência de trabalhos de revisão desta produção justificam a realização desta revisão que tem como faixa temporal o período de 2004 a 2020. As perguntas que orientaram a revisão foram: quais temas de pesquisa em empreendedorismo estão sendo estudados? Considerando a diversidade de definições e de abordagens concorrentes em empreendedorismo (WANG; JESSUP, 2014), quais abordagens teóricas prevalecem? Tendo como referência a natureza multimétodo (MAINELA et al., 2014), como os trabalhos selecionados nesta revisão de bibliografia nacional podem ser classificados do ponto de vista do método (quantitativo e qualitativo) e dos níveis de análise (micro, meso e macro) (DAVIDSSON et al., 2001; VALE, 2014)? Quais convergências e divergências são identificadas entre a literatura nacional e a internacional, levando em conta as revisões de bibliografias internacionais centradas em abordagens e em métodos utilizados (SHANE, 2012)? Argumenta-se que respostas a essas questões permitem situar o campo de produção acadêmica em empreendedorismo do Brasil no mundo, sinalizar fragilidades e ressaltar trilhas de pesquisa no sentido de aumentar a robustez dos trabalhos desenvolvidos.

Em relação ao trabalho de revisão aqui apresentado, as revisões encontradas tiveram enfoques distintos, por exemplo: a) quantificar produção acadêmica, identificando os principais veículos de produção científica, os autores e artigos mais citados, os países e instituições mais produtivos, verificando a estrutura de cocitação entre os artigos (ALMEIDA; ZOUAIN, 2016; OLIVEIRA JUNIOR et al., 2018); b) analisar os artigos publicados entre 1987 e 2010 no *Journal of Business Venturing*, por meio de estudo bibliométrico (FERREIRA et al., 2014) e no *Academy of Management Meeting*, de 1954-2005 (BORBA, et al., 2011); c) analisar a produção na área de empreendedorismo nos dois principais eventos científicos (Egepe e Enanpad) realizados no Brasil (NASSIF et al., 2009); d) analisar preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora (FERREIRA, LOIOLA, GONDIM, 2017); e) analisar empreendedorismo na enfermagem (COLICHI et al., 2019). Assim, este trabalho difere dos demais à medida que incorpora níveis de análise e abordagens utilizadas nos estudos, o que permite inferências sobre o grau de alinhamento da produção brasileira face à produção internacional.

A seguir, apresentam-se múltiplas definições de empreendedorismo e explora-se a definição de empreendedorismo centrada em oportunidades, assim como são analisados trabalhos de revisão de bibliografia em empreendedorismo. Posteriormente, descreve-se o método de análise e apresentam-se os resultados. As conclusões retomam os principais achados da revisão de bibliografia, apontam-se fragilidades de método e sugerem-se novos caminhos de pesquisa.

2 O ESTADO DA ARTE: EMPREENDEDORISMO E SUAS MÚLTIPLAS DEFINIÇÕES

O surgimento de múltiplas definições do conceito de empreendedor revela as transformações da própria sociedade e sua evolução, de uma base de produção agrária para uma economia mercantil e, finalmente, para uma sociedade industrial e pós-industrial (ZEN; FRACASSO, 2008; VALE, 2014). Revela ainda um campo marcado pela interdisciplinaridade com a presença de abordagens econômicas (ex. KIRZNER, 1977; HIRSCH, 1990; SCHUMPETER, 2002), psicológicas (ex. MCCLELLAND, 1988) e da administração (ex. DRUCKER, 1987).

Historiadores econômicos, como Braudel (1982), relatam que os primeiros usos da palavra empreendedor surgiram na França a partir dos escritos de Saint Simon na área de economia, para se referir a alguém que controla uma empresa. Apesar dessa longevidade, não há, todavia, consenso acerca do conceito de empreendedor, que muitas vezes ainda é igualado a donos de pequenos negócios, e não necessariamente a alguém, a grupos dentro de organizações ou mesmo a organizações com características empreendedoras (SHANE, 2012). Há ainda trilhas de pesquisas – e, conseqüentemente, rebatimentos sobre o conceito de empreendedor – que permitem classificar a produção do campo por foco no indivíduo (nível micro), na relação indivíduo-contexto (nível meso) e em macro-contextos, isto é, países, regiões, setores, etc. (nível macro) (DAVIDSSON et. al., 2001; VALE, 2014).

Na perspectiva de Say (1861), o empreendedor (nível micro) é uma pessoa capaz de julgar, ter perseverança e um conhecimento do mundo tanto quanto do negócio. Para Schumpeter (2002), empreendedor e inovação estão estreitamente ligados e tal ligação responde por rupturas e comportamento cíclico das economias (níveis macro e meso); o empreendedor gera e difunde inovações, incentivados por fatores endógenos ou exógenos ao sistema econômico (ENDRES; WOOD, 2010). Na visão de Kirzner (1977), empreendedor é aquele ente responsivo, persistente e criativo, que descobre (processo deflagrado pelo alerta empreendedor – uma atitude pró-avaliação de oportunidades) oportunidades criadas por fatores externos e erros prévios cometidos, que levam os mercados ao desequilíbrio, corrigindo-os, preenchendo lacunas de conhecimento e, ao explorar essas oportunidades, restabelece o equilíbrio nos mercados (nível meso) (ENDRES; WOOD, 2010). Postulações de Schumpeter (2002) e de Kirzner (1997) abrem veios promissores de pesquisa em empreendedorismo, como será visto mais adiante.

O empreendedor se destaca como alguém dotado de alto grau de motivação para a realização, predisposto a correr riscos e buscar excelência no fazer, na ótica de McClelland (1988). Associando presente e futuro, Drucker (1987) sinaliza, por outro lado, que o trabalho específico do empreendedor numa empresa é fazer com que os negócios de hoje sejam capazes de fazer o futuro, de forma diferente, enquanto Vesper (1982) o define como aquele que traz recursos para o negócio e faz novas combinações para atingir resultados. Na definição de Shapero (1985), empreendedor é aquele que toma iniciativa, organiza mecanismos socioeconômicos para transformar recursos em coisas práticas e aceita risco e fracasso. Já para Hirsch (1990), empreendedor é alguém que inicia as coisas, com pensamento positivo, e tem a capacidade de organizar recursos econômicos e transformar recursos e situações, aceitando riscos. A visão de futuro associa-se à definição de Fillion (1999), para quem empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões (perspectivas de longo prazo). Mais uma vez, todas essas definições centram-se essencialmente em nível micro, do indivíduo, e põem em relevo as características do empreendedor.

A ligação schumpeteriana entre empreendedorismo, inovação e crescimento é retomada por Cohen (2000) que agrega a questão da exploração de oportunidades a seu conceito de empreendedorismo. Novamente exploração e descoberta de oportunidades aparecem como pilares centrais da definição de empreendedorismo de Shane e Venkataraman (2000), os quais deslocam a ênfase do empreendedor individual de forma isolada para os nexos entre oportunidades e indivíduos, associando o processo de empreendedorismo aos subprocessos de identificação, avaliação e exploração de oportunidades, os quais nem sempre são conduzidos de forma planejada e estratégica. Essas definições ilustram aquelas que se situam em nível meso, ou dos nexos entre indivíduo-oportunidade.

A abordagem indivíduo-oportunidade liga-se aos estudos pioneiros de Low e MacMillan (1988), de Shane (1999), de Cohen (2000) e de Shane e Venkataraman (2000). Em seu conjunto, esses trabalhos tratam a oportunidade como o principal fenômeno de interesse no campo do empreendedorismo, ou o que Shane (1999), e Shane e Venkataraman (2000) denominam de "nexo indivíduo-oportunidade". Esses autores defendem que oportunidade é conceito que melhor captura o espírito empresarial como um campo de pesquisa, desdobrando-se em identificação de oportunidades, exploração de oportunidades e modos de exploração das oportunidades (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; SHANE, 2012).

Identificação de oportunidades está relacionada, segundo Kirzner (1977), a diferentes crenças das pessoas em relação ao mercado (principalmente recursos), ao alerta empresarial (estar atento às tendências do mercado), às informações prévias, bem como à capacidade cognitiva do indivíduo de relacioná-las aos fins que se deseja. Alguns teóricos (ex. ALVAREZ; BARNEY, 2010) diferenciam a criação da identificação de oportunidades. Mas Venkataraman e outros (2012) afirmam que criação e identificação estão entrelaçados, não podendo designar coisas diferentes. Outros estudiosos diferenciam oportunidades por tipo – um que se liga à inovação e que desequilibra mercados, oportunidade de inovação – e outro, a oportunidade de arbitragem – que promove o equilíbrio dos mercados (MAINELA et al., 2014). Também Klein e Foss (2009) sugerem que, ao invés de focar em oportunidade, por si só, os pesquisadores tratem-na como um constructo latente que se manifesta na ação empreendedora como investimento, integrando o empreendedorismo na economia e na gestão estratégica. Depreende-se, assim, que a delimitação conceitual de oportunidade ainda se encontra cercada de controvérsias.

Exploração de oportunidades depende de seu valor financeiro esperado e de características individuais. Pessoas com maior acesso a recursos, com mais conhecimentos do negócio e experiências empresariais, mais propensas ao risco, mais autoeficazes, mais otimistas, com maiores lócus de controle interno, mais tolerantes à ambiguidade e que buscam realização, tendem a explorar mais oportunidades (FRESE; GIELNIK, 2014). O modo como a oportunidade é explorada ainda é bastante discutido, porém está mais relacionado a novas *startups*, desde que sejam requeridos esforços de indivíduos que não têm incentivos para criá-las em grandes organizações; quando as economias de escala não fornecem vantagens para as empresas existentes; e quando o mercado tem baixas barreiras à entrada (LOW; MACMILLAN, 1988; SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

As formulações de corte schumpeteriano, centradas em inovações, rupturas cíclicas, crescimento, indivíduos, grupos, de dentro ou de fora da empresa, e organizações, e de Shane e Venkataraman (2000), focadas em oportunidades, descobertas (SCHUMPETER, 2002) ou criadas (KIRZNER, 1977), encontram-se muito

difundidas (WANG; JESSUP, 2014). Quanto a essas definições, destacam-se sua porosidade e sua plasticidade que permitem acolher a multidimensionalidade do fenômeno empreendedorismo.

O *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM (2020) concebe empreendedor simplesmente como o indivíduo envolvido na criação de um novo negócio. Essa é uma definição operacional de empreendedor amplamente usada, mas também criticada por Shane e Venkataraman (2000), porque não permite capturar a diversidade de qualidade das múltiplas oportunidades que se colocam ou são criadas pelos empreendedores. Estudiosos como Gutiérrez e Baquero (2016) enriquecem a perspectiva do GEM, defendendo que empreendedor se caracteriza por encontrar problemas e resolvê-los, fixar objetivos, controlar seu destino, buscar prestígio e reconhecimento, estando mais preocupado com o presente e o futuro, a organização, a eficiência e a tecnologia.

Empreendedores não são determinados aleatoriamente. Certas habilidades individuais, como alerta empresarial e conhecimentos prévios, são requeridos para a exploração de oportunidades (ARDICHVILI; CARDOZO; RAY, 2003; SHANE, 2003). Além de conhecimento prévio e de alerta empresarial, traços de personalidade, tais como autoeficácia e necessidade de realização, e orientação empreendedora (estratégia) estão positivamente associados à criação de empresas e ao sucesso delas (FRESE; GIELNIK, 2014). Outros estudos mostram que propensão ao risco, intenção de empreender, desempenho empreendedor e motivação empreendedora podem ser mais fortes em empreendedores do que em outras ocupações, pois empreendedores operam com mais liberdade de escolha e concorrem para mudar o ambiente de acordo às preferências e objetivos pessoais (BRANDSTÄTTER, 2011). Nessa mesma perspectiva, outro estudo de Becherer e Maurer (1999) indicou que uma personalidade mais proativa está associada à postura empreendedora agressiva, no sentido de busca de oportunidades não convencionais e pouco exploradas nos mercados. Essas postulações podem ser contabilizadas na abordagem de traços do empreendedor, a qual difere da abordagem antes comentada, indivíduos-oportunidades, embora encontre-se na literatura a utilização combinada de ambas, o que tende a promover um sombreamento entre a abordagem indivíduo-oportunidade e o nível de análise micro (indivíduo).

Educação proporciona aos empreendedores, por sua vez, capacidade para a exploração de oportunidades. Empreendedores com maior escolaridade tendem a tomar melhores decisões e seguir estratégias adequadas, que em última análise, melhoram o desempenho do empreendimento (WANG; JESSUP, 2014). Aqueles indivíduos que desenvolveram habilidades empreendedoras estão mais preparados para uma constante mudança no mundo, e também podem ter opções mais interessantes no futuro (MACMULLAN; KENWORTHY, 2014).

Como visto, importantes definições de empreendedorismo enveredam nas perspectivas centradas em inovações e oportunidades, a partir de contribuições já consideradas clássicas, como Schumpeter (1934), Kirzner (1977), Shane e Venkataraman (2000) e Shane (2012). Há também um conjunto expressivo de trabalhos que focam as características pessoais do empreendedor, trilhando um veio mais próximo à psicologia (FRESE; GIELNIK, 2014). O conjunto de trabalhos revisados em ambas as linhas de pesquisa exploram não apenas definições como também ajudam a entender por quem (características de indivíduos e coletivos, inovadores, criadores de novos negócios), como (exploração de oportunidades, *startups, new ventures*, geração e difusão de inovação, dentre outros), por que (motivações pessoais e coletivas) e com que efeitos (criação de novos negócios, sustentabilidade pessoal e social, resultados financeiros) oportunidades são descobertas ou criadas, avaliadas e exploradas. Afinando o foco deste trabalho de revisão de bibliografia nacional em

empreendedorismo, investe-se, a seguir, na discussão de diversos trabalhos internacionais de revisão de literatura em empreendedorismo.

3 O ESTADO DO CAMPO EM EMPREENDEDORISMO

O passado da pesquisa em empreendedorismo foi examinado por Low e MacMillan (1988), que concluíram: 1) haver fragilidades teóricas, pois os pesquisadores assumiam somente implicitamente suas escolhas estratégicas; 2) o foco era na personalidade ou determinantes culturais, quando poderia focar o contexto social; 3) utilizavam apenas um nível de análise; 4) o foco temporal era curto; 5) e eram de método único, quase sempre estudos de caso ou *surveys cross section*. Os mesmos autores sugeriram que a pesquisa deveria se concentrar na promoção do progresso econômico, utilizar multimétodos e hipóteses orientadas pela teoria, além de focar múltiplos níveis de análise e valorizar estudos longitudinais.

O estudo de Busenitz e outros (2003) avaliou o progresso da pesquisa em empreendedorismo, entre 1985 e 1999, por meio da análise de 97 artigos, publicados em sete principais periódicos do campo. Os autores constataram também que os estudos da área aumentaram, embora a passos lentos, havendo mais trabalhos empíricos (com análises estatísticas) do que teóricos. Evidenciaram, ainda, que os limites do campo continuavam a ser altamente permeáveis, pois o desenvolvimento da teoria não estava bem representado em revistas tradicionais de gestão, além de haver um elevado grau de dependência de revistas de gestão para dar apoio às pesquisas. Sugeriram que estudiosos em empreendedorismo concentrassem esforços em oportunidades empresariais e em modos de organização no contexto geral de ambientes dinâmicos.

Para diagnosticar o grau de publicação de pesquisas em empreendedorismo na revista *Academy of Management Journal*, Ireland e outros (2005) fizeram uma busca e análise dos artigos publicados entre 1963 e 2000 neste periódico. Encontraram 50 artigos no total, sendo que, no último ano do estudo, 2000, 25 artigos (50% do total) foram publicados. Verificaram a predominância de artigos empíricos e de método qualitativo, centrados em empresas e em indivíduos. Segundo os autores, o quadro encontrado alinhava-se ao quadro geral das pesquisas em empreendedorismo no mesmo período.

Em 2011, Brandstätter investigou a influência de aspectos da personalidade empreendedora na criação e no sucesso do negócio, a partir de cinco meta-análises (cada uma composta de 134 artigos), realizadas entre 1990 e 2010. O autor evidencia que propensão ao risco nem sempre se relaciona ao desempenho do negócio, e sim, à sua criação, e que é um bom indicador da intenção empreendedora. Ademais, motivação para realização se mostrou positivamente relacionada tanto à criação como ao sucesso do negócio. O referido autor sugere a realização de estudos longitudinais que relacionem personalidade com empreendedorismo, por serem escassos. Em 2014, Frese e Gielnik retomaram o estudo de Brandstatter (2011) com o intuito de revisar a perspectiva psicológica do empreendedorismo, por meio de 19 construtos relacionados à personalidade (autoeficácia, propensão ao risco, locus de controle, etc.), articulando-os à criação e ao sucesso do negócio. Evidenciaram que autoeficácia, necessidade de realização e orientação empreendedora são altamente associados tanto à criação como ao sucesso do negócio, e sugerem que estudos futuros avaliem como indivíduos e características organizacionais interagem com o ambiente para produzir efeitos positivos e negativos aos empresários e suas empresas.

A avaliação das publicações do campo na Revista *Academy of Management Review* nos últimos dez anos também foi o objetivo de Shane (2012), bem como as mudanças do campo a partir de sua pesquisa clássica com Venkataraman (SHANE; VENKATARAMAN, 2000). Segundo Shane (2012), a pesquisa acadêmica tem sido direcionada no sentido do reconhecimento de que o empreendedorismo é um processo que depende de oportunidades e de indivíduos. O campo progrediu no sentido de definir empreendedorismo como domínio distinto daquele circunscrito por estudos em gestão estratégica em que o processo é mais importante do que o indivíduo. No entanto, há muito a ser feito sobre como as pessoas identificam e exploram oportunidades potenciais elevadas, acrescenta Shane (2012).

Mais recentemente Wang e Jessup (2014) realizaram nova revisão do estado de campo do empreendedorismo, usando como unidade de observação variáveis dependentes (ex. empreendedores, investidores, outras agências), em 1042 artigos publicados em quatro principais periódicos dos Estados Unidos e da Europa, entre 2002 e 2012. Identificaram categorias de VD's (variáveis dependentes) estáveis desde 2005 (descoberta de oportunidades, exploração de oportunidades e resultados de exploração de oportunidades). Do total de artigos revistos, 90,91% examinaram empresários, enquanto apenas 1,01% se concentraram em outras agências; 35,9% avaliaram resultados de *startups* e 0,06%, características dos investidores. Os autores sugerem que estudos futuros analisem a atitude e a intenção empreendedora de empregados na exploração de oportunidades dentro das organizações onde trabalham, bem como, examinem mais os efeitos das características de empreendedores em diversas fases do processo empreendedor.

Outro trabalho no mesmo ano do anterior foi a de Mainela e outros (2014), com o objetivo de revisar o conceito de oportunidade, em publicações entre 1989 e 2012. Os resultados dessa revisão revelam que o empreendedorismo é, em geral, abordado como identificação e/ou exploração de oportunidades e investigado por diversos métodos (*survey*, estudos de caso, conceitual), com predomínio de estudos de caso, seguidos por abordagem puramente conceitual, embora na década de 1990 tenham encontrado apenas sete artigos usando o conceito de oportunidade. Na segunda metade do período, no entanto, oportunidade torna-se um conceito muito difundido em 72 artigos. Os autores sugerem que pesquisas futuras avaliem como diferenças sociais nacionais, históricas e culturais podem ser utilizadas como recursos na criação de oportunidade. Pontua-se a relativa equivalência entre os resultados relatados por Wang e Jessup (2014) e por Mainela e outros (2014).

O estudo de Vale (2014) objetivou fornecer uma concepção teórica mais estruturada sobre empreendedorismo, capaz de dar maior sustentação ao campo, a partir de revisões de pesquisas internacionais. A autora caracterizou os estudos em empreendedorismo em três níveis de análise: micro (atributos e perfis do empreendedor), meso (ambiente social particular e vinculações e laços pessoais) e macro (influência das instituições e da inovação). Evidenciou que o nível micro vem sendo muito explorado ao longo do tempo; o nível intermediário (meso), sobretudo na vertente das redes, encontra-se em plena expansão, e o nível macro vem sendo o menos explorado.

As revisões de bibliografias comentadas até aqui, sobrelevam duas abordagens (nexo entre indivíduos e oportunidades – descoberta de oportunidades, exploração de oportunidades e resultados de exploração de oportunidades –, e atributos e motivações do empreendedor), métodos mais difundidos no campo de pesquisa em empreendedorismo (predomínio de estudos de caso, mais pesquisas *surveys* e uso de técnicas estatísticas mais sofisticadas galgam crescente representatividade), classificam os artigos revisados por níveis de tratamento do fenômeno empreendedorismo (micro, meso e macro), e ainda apontam agendas de pesquisas (relações entre

especificidades históricas, culturais e sociais nacionais e criação de oportunidades, atitude e intenção empreendedora de membros das organizações na exploração de oportunidades, efeitos das características de empreendedores em diversas fases do processo empreendedor, dentre outros). Em seu conjunto, essas revisões oferecem um quadro atualizado do campo de pesquisa em empreendedorismo no mundo, em especial nos EUA e na UE, e evidenciam seu crescimento e paulatino amadurecimento.

Ao tomar como referência as diversas revisões apresentadas anteriormente, este estudo de revisão teve como objetivo avaliar o estado do campo da pesquisa em empreendedorismo no Brasil enfocando os seguintes aspectos: quais temas de pesquisa em empreendedorismo estão sendo estudados? Quais conceitos e abordagens teóricas (oportunidade-indivíduo, e atributos do empreendedor) são mais proeminentes? Como os trabalhos selecionados nesta revisão de bibliografia nacional podem ser classificados do ponto de vista do método (qualitativo e quantitativo) e dos níveis de análise (micro, meso e macro)? Quais convergências e divergências são identificadas entre a literatura brasileira e a internacional, levando em conta as revisões de bibliografias internacionais centradas em abordagens e em métodos utilizadas neste estudo?

4 MÉTODO

Nesta seção estão especificados o tipo de pesquisa e delimitados os procedimentos e categorias principais de análise e de agrupamento da literatura revisada

4.1 Tipo de Pesquisa e procedimentos de busca e de seleção dos textos

Para cumprir o objetivo, realizou-se revisão sistemática de bibliografia– uma análise criteriosa da literatura selecionada, a partir de estratégia de busca previamente definida e de critérios de inclusão e exclusão dos artigos, assim como de caracterização de cada estudo selecionado (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Utilizou-se o software *Atlas Ti* (FRIESE, 2014) para a organização e categorização da análise do conteúdo.

Primeiramente, foram pesquisados artigos sobre empreendedorismo na base de dados do SciELO, publicados entre 2004 e 2020, em revistas brasileiras indexadas nesta base. Identificaram-se 44 periódicos nacionais que publicaram sobre empreendedorismo (RAE, RAM, RAC, READ, REAUSP, RAP, Organizações & Sociedade, Cadernos Ebape, principalmente) e 308 artigos.

Após leitura dos resumos dos artigos e das seções de métodos, procedeu-se a uma primeira seleção para compor a revisão. Permaneceram 179 artigos empíricos, teóricos e com modelos heurísticos em 44 periódicos, e foram excluídos da análise os estudos em outros formatos (e.g., editoriais, resenhas, pensatas, indicações bibliográficas, entrevistas e assuntos pouco correlatos ao tema, tais como “capacidades dinâmicas”, “política de qualificação profissional”, “teoria das organizações”, etc.), porque foram avaliados como não relevantes para o objetivo deste trabalho.

Salienta-se que para atenuar o erro humano e de parcialidade, vários quadros de análises foram criados para extração de dados e refinamento de cada artigo incluído, e cada registro de dados incluiu as informações gerais (autor, título, detalhes da publicação, uma breve descrição, a natureza, definições). O resultado dessa etapa

foi uma listagem completa de artigos com informações relevantes, que serviu de base para a análise temática de conteúdo (BARDIN, 2009), o que, por sua vez, gerou a categorização dos artigos por temas.

4.2. Categorias

Os artigos foram classificados nas categorias temas, abordagem, níveis de análise e métodos. As definições de cada categoria constam do Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias

Categorias	Definições operacionais
Temas	Conforme indicado pelo autor de cada texto
Abordagem oportunidade-indivíduo	Considera o indivíduo um ente individual (empreendedor) ou coletivo e social (ONG, empresas, grupos, etc.), envolvendo criação de empresas, formação de parcerias, inovações, mercados, contexto socioeconômico, erros anteriores de outros empreendedores, novos produtos, novos empreendimentos, etc. (SHANE, 1999, 2012)
Abordagem atributos e motivações	Inclui características, habilidades, atitudes, intenções, perfis e outros atributos pessoais do empreendedor. (SHANE, 1999, 2012)
Nível micro de análise	Foco no empreendedor, em suas características e atributos. (VALE, 2014)
Nível meso de análise	Foco na interação entre empreendedor e seus ambientes, nas relações proximais pessoais (ex. classe social de origem, vinculação religiosa e étnica) e sociais (rede de interações e laços sociais e empresariais com outros atores). (VALE, 2014)
Nível macro de análise	Procura entender o fenômeno do empreendedor e seu empreendimento no contexto de um ambiente socioeconômico ou institucional mais amplo, por meio das instituições (construções humanas que estruturam a vida política, econômica e as interações sociais) e da inovação (elemento de disrupção no sistema econômico). (VALE, 2014)
Estudo empírico qualitativo	É aquele em que o investigador utiliza estratégias de investigação, como narrativas, fenomenologias, etnografias para compreender uma realidade particular, prescindindo de um controle maior de variáveis. (CRESWELL, 2007).
Estudo empírico quantitativo	Busca correlações e relações de causa e efeito, permitem maior controle de variáveis e testes de hipóteses derivadas das teorias. (CRESWELL, 2007).
Estudo empírico quali quantitativo	Associa métodos quanti e qualitativos de recolha e de tratamento dos dados. (CRESWELL, 2007).
Estudo teórico	Dedicado a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, para aprimorar fundamentos teóricos. (CRESWELL, 2007).

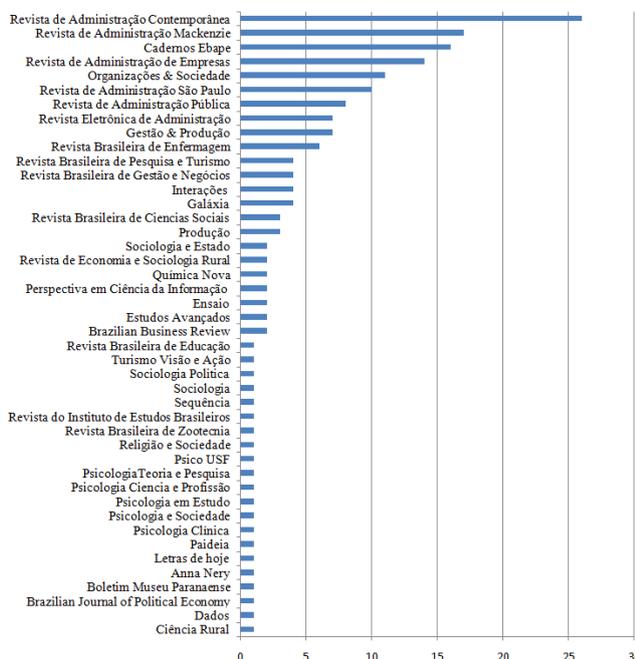
Fonte: Elaboração própria

5 RESULTADOS

Conforme já salientado, foram selecionados para análise 179 artigos publicados entre 2004 e 2020. O periódico que mais publicou sobre empreendedorismo nesse período foi a Revista de Administração Contemporânea (RAC), com 20 artigos (ex. CORRÊA et al., 2020), seguido da Revista de Administração Mackenzie (RAM), com 17 artigos (ex. SANTOS et al., 2020) e da Cadernos EBAPE da FGV, com 16 artigos (ex. SOUSA et al., 2020).¹

A quantidade total de autores é 488, sendo a média aproximada por publicação de 3 autores. A Figura 1 traz um panorama geral das publicações por periódicos nos últimos 17 anos.

Figura 1 - Publicações por Periódico pesquisado



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria

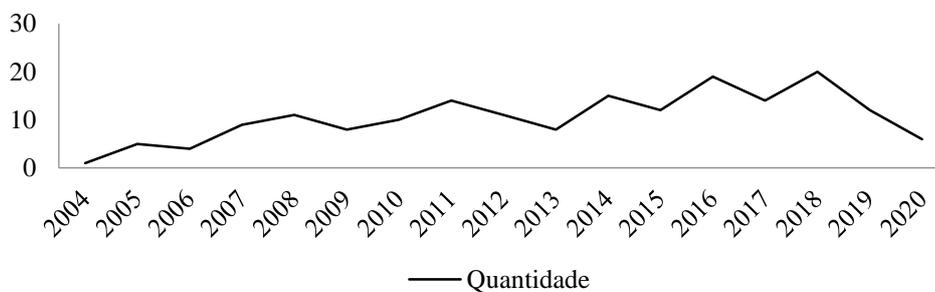
Como pode-se observar, as publicações em empreendedorismo no Brasil vêm avançando, ainda que de modo irregular, como mostra a Figura 2. Consta-se que o ano com maior número de artigos publicados foi o de 2018, com 20 artigos (ex. OLIVEIRA JUNIOR et al., 2018), seguido do ano de 2016, com 19 artigos (ex. SOUZA et al., 2016).²

¹ O critério de escolha dos artigos citados nos exemplos foi a data de sua de publicação, ou seja, o artigo mais recente por Periódico.

² O critério de escolha dos artigos citados nos exemplos foi a data de sua de publicação, ou seja, o artigo mais recente por ano.

Essa evolução é positiva, mostrando-se aderente ao comportamento do campo internacionalmente, conforme evidenciado por Busenitz e outros (2003), Ireland e outros (2005) e Shane (2012). O ano de 2020 mostra-se ainda tímido, em função do período em análise desta revisão, que é até maio/2020.

Figura 2 - Evolução das publicações brasileiras em empreendedorismo



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria

5.1 Análise geral por temas de pesquisa, abordagem, níveis de análise e método

A categorização das pesquisas revisadas por temas de pesquisas ao longo dos últimos onze anos encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1 - Temas predominantes nas pesquisas nacionais revisadas

Temas	%
Redes e interações na promoção do empreendedorismo	11,1
Empreendedorismo feminino	9,0
Inovação e empreendedorismo	7,5
Empreendedorismo social	7,2
Religião e fomento ao empreendedorismo	6,1
Orientação empreendedora	4,4
Intenção de carreira empreendedora	4,4
Meios de obter recursos para empreender	3,6
Empreendedorismo acadêmico e educação empreendedora	3,5
Perfil empreendedor	3,4
Competência empreendedora	3,3
Empreendedorismo e desenvolvimento local	3,0
Gênero e empreendedorismo	2,8
Empreendedorismo institucional	2,7
Empreendedorismo corporativo	2,7
Capital humano e empreendedorismo	2,7
Empreendedorismo entre jovens	2,7

Planejamento do negócio	2,2
Incubadoras de empresas e empreendedorismo	2,0
Motivação para empreender	1,8
Sustentabilidade e empreendedorismo	1,6
Investimento em novos mercados e empreendedorismo	1,6
Potencial empreendedor	1,6
Empreendedorismo e propensão ao risco	1,1
Atitude empreendedora	0,5
Outros (ex.: Startups, autogerenciamento, ecossistema, sucessão)	7,5
Total	100,0

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria.

A análise da Tabela 1 evidencia um grande conjunto de temas de pesquisa. Apesar desse largo conjunto de temas, observa-se uma relativa concentração de interesse dos pesquisadores, tendo em vista que as cinco primeiras categorias de temas de pesquisa (redes e interações na promoção do empreendedorismo, empreendedorismo feminino, empreendedorismo social, inovação e empreendedorismo e religião e fomento ao empreendedorismo) reúnem 40,9% dos trabalhos revisados, enquanto 60,2% dos trabalhos revisados pertencem às 10 primeiras categorias.

Ressalta-se ademais que a relação entre religião e empreendedorismo vem despertando crescente interesse de pesquisadores, a exemplo de Serafim e Feuerschütte (2015) e Sousa e outros (2020), que enfatizam a segurança subjetiva, fé e esperança como fatores de promoção e de intenção relativa ao empreendedorismo, o qual fomenta a inclusão e a ascensão social, entre outros objetivos. Também em evolução estão os estudos sobre empreendedorismo feminino (ex. TEIXEIRA; BOMFIM, 2016; SANTOS; HAUBRICH, 2018), os quais analisam conflitos entre trabalho e família, dificuldades na criação de empresas, a importância das redes de mulheres, entre outros aspectos. Identificaram-se também estudos sobre relações de trabalho como possíveis antecedentes ao empreendedorismo (ex. BEYDA; CASADO, 2011), formação de organizações não governamentais (ex. ROSSONI; TEIXEIRA, 2008), organizações cooperativistas (ex. SANTOS et al., 2020) e redes sociais empreendedoras (ex. CORRÊA; TEIXEIRA, 2015). Esses estudos mostram que relações do indivíduo com o seu ambiente podem funcionar como facilitadoras de adesão ao empreendedorismo.

As abordagens mais proeminentes nos estudos brasileiros centraram-se em oportunidade-indivíduo (descoberta, avaliação e exploração), com 72% dos trabalhos revisados (ex. PINHO; THOMPSON, 2016), e em atributos e motivações do empreendedor (características individuais), com 28% (ex. MELO; SILVA; ALMEIDA, 2019). Essa proeminência de artigos focados nos nexos entre indivíduo-oportunidade revela o acompanhamento de tendência verificada em nível internacional (SHANE, 2012; WANG; JESSUP, 2014; MAINELA et al., 2014).

Do total dos artigos selecionados e analisados, 43% referem-se ao nível macro; 27% ao nível micro e 30% referem-se ao nível meso. Esses resultados vão ao encontro da revisão internacional de Ireland e outros (2005), que também evidenciou a centralidade dos estudos nos níveis micro e macro. Todas essas pesquisas de

nível micro, meso e macro se integram, formando um cenário sistêmico que pode repercutir no desenvolvimento econômico e social do País (VALE, 2014).

As pesquisas em empreendedorismo no Brasil são predominantemente qualitativas (44%). Seguem-se as pesquisas quantitativas (27%) e as pesquisas teóricas (25%). Há uma variedade de estratégias de investigação, sendo o estudo de caso (casos únicos e múltiplos) e entrevistas (em profundidade, estruturadas, semi-estruturadas) as mais utilizadas. Os autores dos artigos revisados lançaram mão de diversos procedimentos e técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa, tais como análise fatorial, de conteúdo, de regressão e estatísticas descritivas. Especificamente quanto aos artigos com métodos quantitativos, a comparação entre a produção nacional e a internacional mostra que a última lança mão com mais frequência de técnicas inferenciais e de fronteira (meta-análises, MEE, etc). Ademais, há mais trabalhos empíricos do que teóricos.

5.2 Análise cruzada entre tema, abordagem, nível e método

Estudos sobre internacionalização de empresas (ex. GUIMARÃES; AZAMBUJA, 2018), investimento em novos mercados e custos de transação (ex. PINHO; THOMPSON, 2016; FAURY; CARVALHO, 2013), desempenho das empresas (ex. LAZZAROTI et al., 2015), políticas públicas (ex. CAMPANHA et al., 2017), desenvolvimento econômico e aspectos políticos e culturais (ex. SARFATI, 2013), interação governo-universidade-empresa na promoção de inovação e criação de incubadoras de empresas (ex. ETZKOWITZ; ZHOU, 2017), crescimento econômico e desenvolvimento local/regional (ex. CAMPANHA et al., 2017), inovações e sustentabilidade em empresas (ex. CICCARINO et al., 2020; PAIVA et al., 2018) adotam o nível macro de análise.

Já estudos que avaliaram perfis comportamentais de gestores (ex. CODA; KRAKAUER; BERNE, 2018), de mulheres gestoras de escolas (ex. TAKAHASHI, GRAEFF; TEIXEIRA, 2006), a liderança como elemento do comportamento empreendedor (ex. ARMOND; NASSIF, 2009), potencial empreendedor (ex. SOUZA et al., 2016), características, perfis, motivações e intenções de jovens empreendedores no processo de criação de empresas (ex. BORGES; FILLION; SIMARD, 2009; SANTOS et al., 2020) cobrem o nível micro de análise.

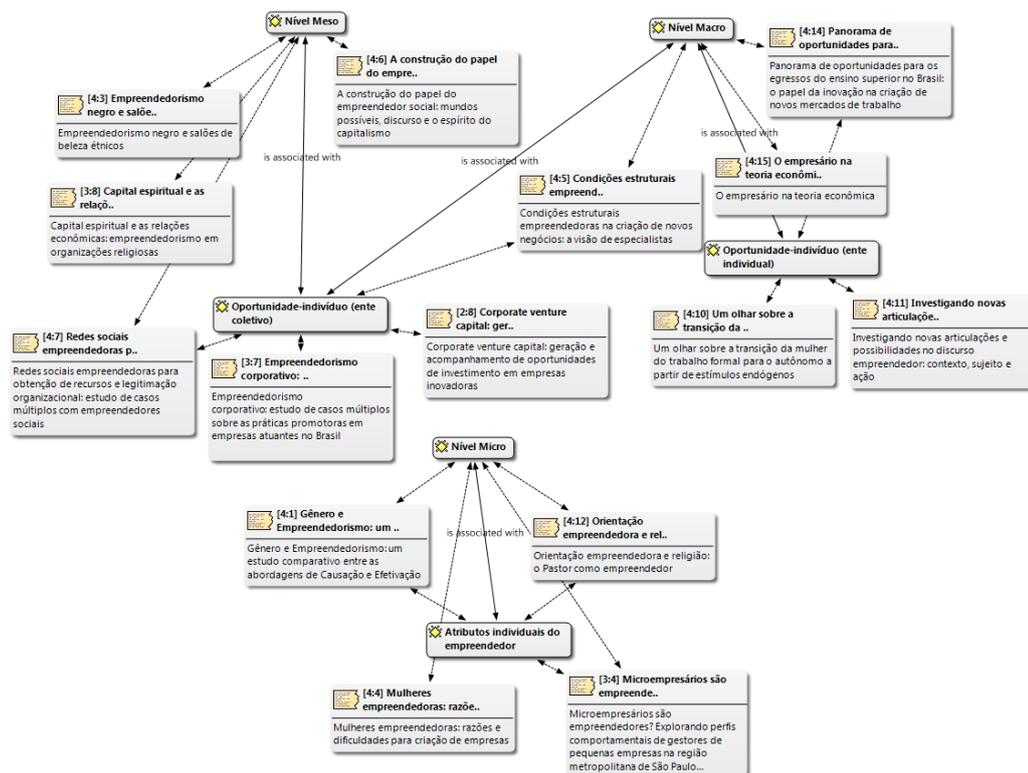
Estudos que abordam a imersão em redes sociais entre homens e mulheres no processo de criação de empresas, realçando a questão dos laços proximais, principalmente das mulheres (ex. SANTOS; HAUBRICH, 2018) e a afiliação religiosa e grupos étnicos como laços que contribuem ao empreendedorismo (ex. MARTES; RODRIGUEZ, 2004; REZENDE, MAFRA; PEREIRA, 2018), por exemplo, focam o nível meso de análise.

Em ambas as abordagens, oportunidade-indivíduo e características individuais do empreendedor, encontram-se pesquisas desenvolvidas com unidade de análise representada por ente coletivo (38,4% dos estudos) ou pelo ente empreendedor individual (19,2%). O maior número de trabalhos revisados com foco em ente coletivo do que no indivíduo converge com resultados relatados por Shane e Venkataraman (2000), mas diverge de revisões de literatura internacional mais recentes de Wang e Jessup (2014) e de Ferreira, Pinto e Miranda (2015), para quem o foco nas características do empreendedor e no ambiente já tinha sido identificado por Low e MacMillan desde 1988. Também os estudos teóricos e empíricos desenvolvidos não ajudam a clarear um relativo sombreamento identificado na literatura internacional entre abordagem e nível de análise.

Classificaram-se na abordagem oportunidade-indivíduo e com unidade de análise ente coletivo (empresas, universidades, ONG's), pesquisas com temas relacionados à influência da universidade na promoção da inovação (ex. GONÇALVES; COSÉR, 2014; ETZKOWITZ; ZHOU, 2017), ao desenvolvimento local mediante criação de empresas (ex. MACHADO, 2016; ZOUAIN; TORRES, 2005), à busca de recursos por meio de ONG's e Startups (ex. GAIGER, 2009; MAIA, 2019) e ao surgimento de empresas de artesanato (ex. MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014). Ainda na abordagem oportunidade-indivíduo mas com o empreendedor (indivíduo) como unidade de análise, os temas de pesquisa centraram-se na busca por oportunidade empreendedora pelo indivíduo (ex. FERREIRA; BASTOS; D'ANGELO, 2018; MELLO; CORDEIRO, 2010), convergindo com os estudos de Shane (2012), de Salgado (2013) e de Beyda e Casado (2011).

Na abordagem atributos e motivações do empreendedor, os temas de pesquisa focaram características pessoais do empreendedor, tais como potencial empreendedor, perfil empreendedor, comportamento empreendedor, orientação empreendedora, liderança, intenções e motivações (ex. BEHLING; LENZI, 2019; CODA et al., 2018; FERREIRA et al., 2017; ARMOND; NASSIF, 2009). Uma representação gráfica dessa análise cruzada pode ser vista na Figura 3.

Figura 3 - Análise cruzada entre os níveis de análise e as abordagens



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria

O nível de análise meso está associado à abordagem oportunidade-indivíduo com foco em “entes coletivos”, uma vez que muitos estudos assim classificados ressaltam as redes sociais como promotoras do empreendedorismo. O nível de análise macro está associado às abordagens oportunidade-indivíduo em suas duas

unidades de análise (ente individual e ente coletivo), com estudos tratando, por exemplo, de inovação, de crescimento, de desenvolvimento, de internacionalização, ligados tanto a empresas como a indivíduos. A análise micro associa-se com a abordagem atributos do empreendedor, focando seus estudos, por exemplo, em características, perfis e potenciais empreendedores.

5.3 Convergências e divergências entre a literatura brasileira e a internacional

A partir de revisões de literatura sobre o campo de pesquisa em empreendedorismo, realizadas em diferentes décadas (ex.: LOW; MACMILLAN, 1988; SHANE; VENKATARAMAN, 2000; BUSENITZ et al., 2003; IRELAND et al., 2005; BRANDSTÄTTER, 2011; SHANE, 2012; FRESE; GIELNIK, 2014; WANG; JESSUP, 2014; MAINELA et al., 2014; FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015), percebe-se certa convergência de interesses nos temas estudados, mas também certas divergências. Características pessoais dos empreendedores (nível micro) são mais estudadas na literatura internacional (FRESE; GIELNIK, 2014; VALE, 2014, 2015), enquanto no Brasil, a busca e exploração por oportunidade é ressaltada no nível macro e unidade de análise do empreendedor enquanto ente coletivo (SHANE, 2012; VALE, 2014) e com métodos de tratamento de dados estatisticamente menos complexos.

São muito poucos os artigos nacionais que desenvolvem escalas e testam modelos (ex. D'AMARIO; COMINI, 2020; SOUZA et al., 2017; ZAMPIER; TAKAHASHI, 2011), o que é diferente do panorama internacional, cujos pesquisadores têm, atualmente, investido mais em escalas e modelos (MAINELA et al., 2014), além de meta-análises (BRANDSTATTER, 2011). Em termos de métodos quantitativos, observa-se a predominância no Brasil de pesquisas com base em séries históricas (no nível macro com uso de estatísticas descritivas e em raros casos com análise de regressão e equações estruturais). Os *survey's* também usam mais estatísticas descritivas para relatar seus resultados. São divergências que testemunham um atraso relativo do campo no Brasil em relação ao campo internacional.

Por fim, há convergências de temas de pesquisa e abordagens investigados como exploração de oportunidades, investimentos e apoio de instituições entre a literatura internacional revisada e a literatura brasileira. Isso sugere que o interesse temático da pesquisa em empreendedorismo no Brasil acompanha, de certo modo, os dos norte-americanos e europeus. Observa-se a emergência de interesse em pesquisas focadas em contextos religiosos, bem como em empreendedorismo feminino, o que pode representar tendência conjuntural, que se impõe pela produtividade de certo grupo de pesquisadores, que acolhem o fato de que cada vez mais as mulheres ganham espaços antes ocupados predominantemente por homens.

6 CONCLUSÕES

Cinco conclusões derivam deste estudo. A primeira é que houve progresso no mundo e no Brasil das pesquisas em empreendedorismo nos últimos dezessete anos, ainda que no Brasil este progresso se dê a ritmo menor e de modo irregular. A segunda é que, embora relativamente grande o conjunto de temas de pesquisa (26), apenas cinco concentram mais de 40% dos trabalhos revisados (redes e interações na promoção do empreendedorismo, empreendedorismo feminino, empreendedorismo social, inovação e empreendedorismo e religião e empreendedorismo), ao passo que 10 temas representam mais de 60% do total de trabalhos revisados.

Terceiro, o nível de análise macro recebeu mais atenção dos pesquisadores nacionais, e também a abordagem oportunidade-indivíduo, com ênfase no nível de análise ente coletivo. Isto é, a descoberta, avaliação e exploração de oportunidades por empresas foram mais investigadas. A quarta é a prevalência de estudos empíricos e qualitativos em empreendedorismo, com forte ênfase em estudos de casos.

A quinta conclusão é que a literatura nacional convergiu com a literatura internacional revisada em termos da prevalência de estudos centrados na abordagem indivíduo-oportunidade, mas diferiu quanto ao nível de análise predominante. Enquanto no Brasil o foco das pesquisas foi no nível de análise do empreendedor enquanto ente coletivo, no cenário internacional, a ênfase é dada ao nível individual. Esta é uma diferença importante, tendo em vista que se verificou tendência internacional de equivalência entre a abordagem indivíduo-empendedor e o nível de análise micro. Uma possível explicação pode ser encontrada no perfil dos estudiosos do tema no Brasil, provavelmente mais alinhados com abordagens do empreendedorismo oriundas da administração e da economia do que com abordagens psicológicas que colocam mais ênfase nos aspectos micro e individuais do fenômeno. Estudos empíricos são proeminentes tanto no Brasil quanto internacionalmente. Ademais, tanto no Brasil quanto internacionalmente os temas de pesquisas em empreendedorismo são mais investigados por métodos qualitativos. Apesar desse comportamento geral e convergente, aponta-se relativo atraso dos estudos brasileiros com métodos quantitativos, que usam preponderantemente estatísticas descritivas. Também não há indexadas na base SciELO revistas especializadas em empreendedorismo em contraponto à existência de mais de 50 revistas especializadas internacionalmente.

Estudos internacionais classificam o campo como consolidado, multimétodo e povoado por múltiplas abordagens. O conjunto de artigos nacionais revisados permite classificar o campo de pesquisa em empreendedorismo no Brasil como em desenvolvimento, diferenciando-o do internacional, mas também multimétodo e povoado por múltiplas abordagens como o campo internacional.

Uma das limitações deste estudo revela-se pela seleção dos periódicos, mesmo sendo aqueles mais bem classificados na área de administração. Em função desta decisão, muitos artigos com relatos de resultados de pesquisa em empreendedorismo no Brasil ficaram fora das lentes deste trabalho, a exemplo de artigos publicados na *Gestão e Planejamento* (ex. MELO; LOPES, 2012; FABRÍCIO; MACHADO, 2012; ANDRADE et al., 2017) e na *Regepe* (ex. GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS, 2017; GOUVÊA; SILVEIRA; MACHADO, 2013).

Admite-se ainda que pode haver outras abordagens e níveis de análises que envolvam os temas de pesquisa aqui analisados para além dos classificados neste estudo. Também problemas de categorização e de classificação podem ter existido, o que não surpreende em função das grandes polêmicas presentes ao campo, que abrangem sobretudo o conceito de oportunidade e suas mais diversas formas de operacionalização.

Apesar dessas limitações, este estudo traz várias contribuições importantes: fornece uma visão abrangente do campo no Brasil relativa ao campo internacional e pode ajudar os pesquisadores a identificarem as áreas que têm atraído mais atenção e as lacunas para as quais torna-se necessário canalizar mais esforços de pesquisa. Esse panorama pode servir a propósitos acadêmicos de ensino, de pesquisa e de extensão, ajudando a circunscrever o domínio de estudo em empreendedorismo e a diferenciá-lo do domínio de estudo de gestão estratégica com vistas ao seu desenvolvimento no País. Pode também mais bem informar políticas de governo, de instituições de ensino superior, de agências de treinamento em empreendedorismo e práticas de empreendedores pelo maior conhecimento do campo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. O.; ZOUAIN, D.M. Mapeamento da Literatura sobre Empreendedorismo: Uma Abordagem Bibliométrica. **Biblionline**, João Pessoa, v.12, n.2, p.53-67, 2016. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/27765>
- ALVAREZ, S.; BARNEY, J. Entrepreneurship and epistemology: the philosophical underpinnings of the study of entrepreneurial opportunities. **Academy of Management Annals**, v.4, p.557–583, 2010. Doi: <https://doi.org/10.5465/19416520.2010.495521>
- ANDRADE, et al. Fatores determinantes para empresas familiares empreendedoras. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 18, p. 330-348, 2017. doi:10.21714/2178-8030gep.v18.4260
- ENDRES, A. M.; WOODS, C. R. Schumpeter’s ‘conduct model of the dynamic entrepreneur’: scope and distinctiveness. **Journal of Evolutionary Economics**, v. 20, n. 4, p. 583-607, 2010. doi: <https://doi.org/10.1007/s00191-009-0159-3>
- ARDICHVILI, A.; CARDOZO, R.; RAY, S.A theory of entrepreneurial opportunity identification and development. **Journal of Business Venturing**, v.18, p.105–123, 2003. doi: 10.1016/s0883-9026(01)00068-4
- ARMOND, A. C.; NASSIF, V. M. J.A liderança como elemento do comportamento empreendedor: um estudo exploratório. **Rev. Adm. Mackenzie**, v.10, n.5, p.77-106, 2009. doi:http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712009000500005.
- AVRICHIR, I.; CHUEKE, G. V. Empreendedorismo institucional: uma análise de caso no setor de energia elétrica brasileiro. **RAM**, v.12 n.6, p.140-164, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000600007>
- GUIMARAES, S. K.; AZAMBUJA, L. R. Internacionalização de micro, pequenas e médias empresas inovadoras no Brasil: Desafios do novo paradigma de desenvolvimento. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 33, n. 97, 2018. doi:<https://doi.org/10.1590/339708/2018>.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BECHERER, R. C.; MAURER, J. G. The proactive personality disposition and entrepreneurial behavior among small company presidents. **Journal of Small Business Management**, v.37, n.1, p.28-36, 1999.
- BEHLING, G.; LENZI, F. C. Competências Empreendedoras e Comportamento Estratégico: um Estudo com Microempreendedores em um País Emergente. **BBR**, v. 16, n. 3, p. 255-272, 2019. doi:<https://doi.org/10.15728/bbr.2019.16.3.4>
- BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Relações de trabalho no mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? **Cad. EBAPE.BR**; v.9, n.4, p.1066-1084, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000400008>
- BRANDSTÄTTER, H. Personality aspects of entrepreneurship: A look at five meta-analyses. **Personality and Individual Differences**, v.51, p.222–230, 2011. doi:10.1016/j.paid.2010.07.007
- BRAUDEL, F. **The wheels of commerce: civilization e capitalism 15th-18th century**. v. 2. New York: Harper & Row, Publishers, 1982.
- BORGES, C.; FILLION, L. J.; SIMARD, G. Jovens empreendedores e o processo de criação de empresas, **RAM**, v.9, n.8, p.39-63, 2009. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000800004>.
- BORBA, Marcelo Leandro de; HOELTGEBAUM, Marianne; SILVEIRA, Amélia. A produção científica em empreendedorismo: análise do academy of management meeting: 1954-2005. **RAM**, v. 12, n. 2, p. 169-206, 2011. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000200008>.

- BUSENITZ, L. W. et al. Entrepreneurship research in emergence: Past trends and future directions. **Journal of Management**, v.29, p.285–308, 2003. doi :https://doi.org/10.1016/S0149-2063_03_00013-8
- CAMPANHA, L. J. et al. Formulação e implementação, convergências e desvios: facetas da política pública do MicroEmpreendedor Individual (MEI) no plano local. **Gest. Prod.**, v. 24, n. 3, p. 582-594, 2017. doi:<https://doi.org/10.1590/0104-530x3896-16>
- CICCARINO, D. M. et al . Inovação social e processo empreendedor: aplicação de tipologia em start-ups da Yunus Negócios Sociais Brasil. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 4, p. 1031-1047, Oct. 2019. doi:<https://doi.org/10.1590/1679-395174335>.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CODA, R.; KRAKAUER, P. V. C.; BERNE, D. F. Are small business owners entrepreneurs? Exploring small business manager behavioral profiles in the São Paulo Metropolitan region. **RAUSP**, v.53, n. 2, p. 152-163, 2018. doi:<https://doi.org/10.1016/j.rausp.2017.05.011>.
- COHEN, L. Entrepreneurial Identities: Reflections from Two Case Studies. **Organization**, v.7, n.1, p.31-48, 2000. doi:[10.1177/135050840071003](https://doi.org/10.1177/135050840071003)
- COLICHI, R. et al. Entrepreneurship and Nursing: integrative review. **Revista Brasileira de Enfermagem**. V. 72, p. 321-330, 2019. doi:[10.1590/0034-7167-2018-0498](https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0498)
- COOPER, A. C. Entrepreneurship: The past, the present, the future. In ACS, Z. J.; AUDRETSCH, D. B. (Eds.), **Handbook of entrepreneurship research**, p. 21–34. London: Kluwer Academic Publishers, 2003.
- CORRÊA, R.O.; TEIXEIRA, R.M. Redes Sociais Empreendedoras Para Obtenção De Recursos e Legitimação Organizacional: Estudo De Casos Múltiplos Com Empreendedores Sociais. **RAM**, v.16, n.1, p.62-95, 2015. doi:<https://doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n1p62-95>
- CORREA, V. S. et al . O “Problema da Imersão” nos Estudos do Empreendedorismo: Uma Proposição Teórica. **RAC.**, v. 24, n. 3, p. 232-244, 2020. doi:[http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190096](https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2020190096)
- D`AMARIO, E. Q.; COMINI, G. M. Inovação social nos empreendimentos sociais brasileiros: uma proposta de escala para sua classificação. **Rev. bras. gest. neg.**, v. 22, n. 1, p. 104-122, 2020. doi:<https://doi.org/10.7819/rbgn.v22i1.4037>
- DAVIDSSON, P., LOW, M.; WRIGHT, M. Editors' Introduction: Low and MacMillan Ten years on – Achievements and future directions for entrepreneurship research. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 25, n.4, p.5-16, 2001. doi:<https://doi.org/10.1177/104225870102500401>
- DIMAGGIO, P. Interest and agency in institutional theory. In: L. Zucker (Ed.). **Institutional patterns and organizations**. Cambridge: Ballinger, 1988.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor** (entrepreneurship): prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.
- ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estud.Av.**, v.31, n. 90, p. 23-48, 2017. doi:[http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190003](https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190003)
- FABRÍCIO, J. S.; MACHADO, H. V. Dificuldades para criação de negócios: um estudo com mulheres empreendedoras no setor do vestuário. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 12, n. 3, p. 515-529, 2012.
- FAURY, T. P.; CARVALHO, M. M. Corporate venture capital: geração e acompanhamento de oportunidades de investimento em empresas inovadoras. **Prod.**, v.23, n.4, p.735-750, 2013. doi:[http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132013005000017](https://doi.org/10.1590/S0103-65132013005000017)

FERREIRA, M. P. et al. Pesquisa em empreendedorismo no principal periódico internacional: um estudo bibliométrico das publicações no *journal of business venturing* entre 1987 e 2010. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.1, p.56-83, 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v3i1.77>

FERREIRA, A.S.M.; LOIOLA, E.; GONDIM, S.M.G. Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. **Cad. EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 292-308, 2017. doi:<https://doi.org/10.1590/1679-395159595>

FERREIRA, G. F.; BASTOS, S. A. P.; D'ANGELO, M. J.. A look at women's transition from formal labor to self-employment based on endogenous stimuli. **RAM**, v. 19, n. 2, doi:<https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg180086>

FILLION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*, v.39, n.4, p.6-20, 1999. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901999000400002>

FRESE, M.; GIELNIK, M.M. The Psychology of Entrepreneurship - **Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.** v.1, p.413-438, 2014. doi:<https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-031413-091326>

FRIESE, S. *Qualitative data analysis with ATLAS.ti*. London: Sage, 2014.

GARTNER, W. B. A Conceptual Framework for Describing the Phenomenon of New Venture Creation. **The Academy of Management Review**, v.10, n.4, p.696-706, 1985. doi:[10.2307/258039](https://doi.org/10.2307/258039)

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Global Report 2019/2020**. Londres: Babson, 2020.

GIMENEZ, F. A. P.; FERREIRA, J. M.; RAMOS, S.C. Empreendedorismo feminino no Brasil: gênese e formação de um campo de pesquisa. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.6, n.1, p. 40-74, 2017. Disponível: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/450/pdf>

GOSS, D.; JONES, R., M. B.; LATHAM, J. Power as Practice: A Micro-sociological Analysis of the Dynamics of Emancipatory Entrepreneurship. **Organization Studies**, v. 32, n.2, p.211 –229, 2011. doi:<https://doi.org/10.1177/0170840610397471>

GONÇALVES, E.; CÓSER, I. O Programa de Incentivo à Inovação como mecanismo de fomento ao empreendedorismo acadêmico: a experiência da UFJF. **Nova econ.**, v.24, n.3, p.555-585, 2014. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/0943>

GOUVÊA, A. B. C. T.; SILVEIRA, A.; MACHADO, H. P. V Mulheres empreendedoras: compreensões do empreendedorismo e do exercício do papel desempenhado por homens e mulheres em organizações. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 2, p. 32-54, 2013. doi:<http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v2i2.60>

GUTIÉRREZ, J. G.; BAQUERO, J.E.G. New cross-proposal entrepreneurship and innovation in educational programs in third level (tertiary) education. **Contaduría y Administración**. 23p, 2016. doi:<https://doi.org/10.1016/j.cya.2016.10.005>

HIRSCH, B. T. Market Structure, Union Rent Seeking, and Firm Profitability. **Economics Letters**, v. 1, n. 32, p. 75-79, 1990. doi:[https://doi.org/10.1016/0165-1765\(90\)90052-3](https://doi.org/10.1016/0165-1765(90)90052-3)

IRELAND, D. et al. Entrepreneurship Research in AMJ: What Has Been Published, and What Might the Future Hold? **Academy of Management Journal**, v.48, n.4, p.556-564, 2005. doi:<https://doi.org/10.5465/amj.2005.17843937>

KLEIN, P. G.; FOSS, N. J. **The Unit Of Analysis In Entrepreneurship Research: Opportunities Or Investments?** Chapter 2 of our forthcoming book *Entrepreneurial Judgment and the Theory of the Firm*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- KIRZNER, I. Entrepreneurial discovery and the competitive market process: An Austrian approach. **Journal of Economic Literature**.v.35, p.60-85, 1977.doi: <https://www.jstor.org/stable/2729693>
- LAZZAROTTI, F. et al. Orientação Empreendedora: Um Estudo das Dimensões e sua Relação com Desempenho em Empresas Graduas. **RAC**, v. 19, n. 6, p. 673-695, 2015.doi:<https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151829>
- LOW, M. B. The adolescence of entrepreneurship research: Specification of purpose. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 26, n. 4, p. 17–25, 2001.doi:10.1177/104225870102500402
- LOW, M. B.;MACMILLAN, I. C. Entrepreneurship: Past research and future challenges. **Journal of Management**, v. 14, p. 139–161, 1988.doi:10.1177/014920638801400202
- MAIA, M. M. Como as start-ups crescem? Performances e discursos de empreendedores à procura de capital. **Rev. bras. Ci. Soc.** v. 34, n. 99, 2019.doi:<https://doi.org/10.1590/349919/2019>
- MAINELA, T.; PUHAKKA, V.; SERVAIS, P. The Concept of International Opportunity in International Entrepreneurship: A Review and a Research Agenda. **International Journal of Management Reviews**, v.16, p.105–129, 2014.doi:10.1111/ijmr.12011
- MACHADO, H. P.V. Crescimento de pequenas empresas: revisão de literatura e perspectivas de estudos. **Gest. Prod.**, v. 23, n. 2, p. 419-432, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-530x1759-14>
- MARQUESAN, F. F. S.; FIGUEIREDO, M. D. De Artesão A Empreendedor: A Ressignificação do Trabalho Artesanal como Estratégia para a Reprodução de Relações Desiguais de Poder. **Ram, Rev. Adm. Mackenzie**, v.15, n.6, p.76-97, 2014.doi: <https://doi.org/10.1590/1678-69712014/administracao.v15n6p76-97>
- MARTES, A. C. B.; RODRIGUEZ, C. L. Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos. *Rev. adm. contemp.*, v.8, n.3, p.117-140, 2004.doi:<https://doi.org/10.1590/S1415-6552004000300007>
- MCCLELLAND, D. Identifying Competencies with Behavioral-Event Interviews. **Psychological Science**, v.9, n.5, p.331-339, 1988.doi:<https://doi.org/10.1111/1467-9280.00065>
- MCMULLAN, E.; KENWORTHY, T. P. **Creativity and Entrepreneurial Performance: A General Scientific Theory**. Springer: New York, 2014.
- MELLO, S. C. B.; CORDEIRO, A. T. Investigando novas articulações e possibilidades no discurso empreendedor: contexto, sujeito e ação. **Organ. Soc.**, v. 17, n. 53, p. -295, 2010.doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302010000200003>
- MELO, F. L. N. B.; SILVA, R. R.; ALMEIDA, T. N. V. Gênero e Empreendedorismo: um estudo comparativo entre as abordagens Causation e Effectuation. **BBR**, v. 16, n. 3, p. 273-296, 2019.doi:<https://doi.org/10.15728/bbr.2019.16.3.5>.
- MELO; M. C. O. L.; LOPES, A. L. M. Empoderamento de mulheres gerentes: a construção de um modelo teórico de análise. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 12, n. 3, p. 648-667, 2012. Disponível: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/2346>
- NASSIF, V. M. J., et al. **Empreendedorismo: área em evolução?** Uma revisão dos estudos e artigos publicados entre 2001 e 2008. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, SP, Brasil, v. 33, 2009.
- OLIVEIRA JUNIOR, A. B. et al . Pesquisa em empreendedorismo (2000-2014) nas seis principais revistas brasileiras de administração: lacunas e direcionamentos. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, n. 4, p. 610-630, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/1679-395167644>

- PAIVA, L. E. B. et al. Influência da sustentabilidade e da inovação na intenção empreendedora de universitários brasileiros e portugueses. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, n. 4, p. 732-747, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/1679-395167527>
- PINHO, J. C.; THOMPSON, D. Condições estruturais empreendedoras na criação de novos negócios: a visão de especialistas. **Rev. adm. empres.**, v. 56, n. 2, p. 166-181, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020160204>
- REZENDE, A. F.; M., F. L. N.; PEREIRA, J. J. Empreendedorismo negro e salões étnicos: possibilidades de resistências na (re)construção social da identidade negra. **Organ. Soc.** v. 25, n. 87, p.589-609, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9250873>
- ROSSONI, L.; TEIXEIRA, R. M. A interação dos relacionamentos com os recursos e a legitimidade no processo de criação de uma organização social. **Cad. EBAPE.BR**, v.6, n.4, p.01-19, 2008. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512008000400008>
- SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, v.11, n.1, p.83-89, 2007. doi:<https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>
- SALGADO, J. A cultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. *Galáxia*, v.13, n.25, p.193-204, 2013. doi:10.1590/S1982-25532013000200015
- SANTOS, C. C. et al. Individual absorptive capacity and entrepreneurial intention in successors of rural properties. **RAM**, v. 21, n. 3, 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1678-6971/eramr200045>
- SANTOS, C. C. et al. Capacidade absorptiva individual e intenção empreendedora em sucessores de propriedades rurais. **RAM**, v. 21, n. 3, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramr200045>.
- SANTOS, E. D.; HAUBRICH, G. F. Portal Rede Mulheres Empreendedoras: empreendedorismo, cultura e imagens de si. **Let. Hoje**, v. 53, n. 3, p. 412-421, 2018. doi:<https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.3.30670>.
- SAY, J. B. **Traité d'économie politique**. 7. ed. Paris: GullaumimEt, Libraires, 1861.
- SCHUMPETER J. A. Economic Theory and Entrepreneurial History. **Revista Brasileira de Inovação**, v.1, n. 2, p.201-224, 2002. doi:<https://doi.org/10.20396/rbi.v1i2.8648859>
- SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.
- SERAFIM, M. C.; FEUERSCHÜTTE, S. G. Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao “espírito empreendedor”. **Cad. EBAPE.BR**, v.13, n.1, p.165-182, 2015. doi:<https://doi.org/10.1590/1679-39519058>
- SHANE, S. Reflections on the 2010 AMR Decade Award: Delivering on the promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **Academy of Management review**, v. 37, n. 1, p.10-20, 2012. doi: <https://doi.org/10.5465/amr.2011.0078>
- SHANE, S. Prior knowledge and the discovery of entrepreneurial opportunities. **Organ. Sci.** v. 11, n. 4, p.448-469, 1999. doi:10.1287/orsc.11.4.448.14602
- SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p.217-226, 2000. doi: <https://www.jstor.org/stable/259271>
- SHAPERO, A. T. **The entrepreneurial event Ohio**: College of Administrative Science, Ohio State University, 1985.
- STEWART, A.; COTTON, J. Making Sense of Entrepreneurship Journals: Journal Rankings and Strategy Choices. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research**, v. 19, n. 3, p. 303-323, 2013. doi:10.1108/13552551311330192

SOUSA, E. S. et al . A influência das crenças religiosas na intenção empreendedora: uma análise sob a perspectiva da Teoria do Comportamento Planejado. **Cad. EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 200-215, 2020.doi:<http://dx.doi.org/10.1590/1679-395175983>

SOUZA, G. H. S. et al. Inventário de barreiras e facilitadores ao empreendedorismo: construção e validação de um instrumento. **REAd**, v. 22, n. 3, p. 381-412, 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.04315.57744>

SOUZA, G. H. S. et al . Entrepreneurial potential and success in business: a study on elements of convergence and explanation. **RAM**, v. 17, n. 5, p. 188-215, 2016.doi: <https://doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n5p188-215>.

TAKAHASHI, A. R. W.; GRAEFF, J. F. G.; TEIXEIRA, R. M. Planejamento estratégico e gestão feminina em pequenas empresas: o caso das escolas particulares em Curitiba - Paraná. **Organ. Soc.**, v.13, n.39, p.29-44, 2006.doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302006000400002>

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Rev. Bras. Pesq. Tur.**, v. 10, n. 1, p. 44-64, 2016. doi: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i1.855>

VALE, G. M. V. Empreendedorismo, Marginalidade e Estratificação Social. **RAE**, v.54, n. 3, p.310-332, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020140306>

VALE, G. M. V. Fatores Condicionantes do Empreendedorismo: Redes Sociais ou Classes Sociais? **O&S**, v.22, n.75, p¹.583-602, 2015.doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230756>

VALE, G. M. V. Tréplica - Afinal de contas, que bicho é esse? Tréplica sobre o empreendedor e o empreendedorismo. **RAC**, v.18, n.6, p.900-908, 2014.doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac201412442>

VENKATARAMAN, S. et al. Reflectionson the 2010 AmrDecadeAward: Whither The Promise? Moving Forward with Entrepreneurship as a Science of the Artificial. **Academyof Management Review**, v.37, n.1, p.21–33, 2012. doi: [10.5465/armr.2011.0079](https://doi.org/10.5465/armr.2011.0079)

VESPER, K.H. Research on Education for Entrepreneurship. In KENT, C; SEXTON, D; VESPER, K (Eds).**Encyclopedia of Entrepreneurship**, Prentice-Hall, EnglewoodCliffs, NJ, p.321-351, 1982.

WANG, X.; JESSUP.A Review and Synthesis of Entrepreneurship Research: Towards an Integrative Model of Dependent Variables. **The Journal of Entrepreneurship**,v.23, n.2, p.163–199, 2014.doi:<https://doi.org/10.1177/0971355714535303>

ZEN., A. C.; FRACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **RAM** ,v.9, v.8, p.135-150, 2008.doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000800008>

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa.**Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, p. 564-585, 2011.doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000600007>

ZOUAIN, D. M.; TORRES, L. S. A suposta modernização das relações de trabalho nas incubadoras de empreendimentos. **Cad. EBAPE.BR**; v. 3(spe); p. 1-07; 2005.doi:<https://doi.org/10.1590/S1679-39512005000500006>